

Brian Weinstein (à esquerda)
tem a determinação de viver
intensamente, conta o
doutor Jack Gorvoy

Diante da doença crônica e incapacitante, o rapaz decidiu
seguir o caminho de seu mentor

Um médico incomum

LAWRENCE ELLIOTT

O TELEFONE DO doutor Brian Weinstein toca às 3 horas da madrugada. Minutos depois, o cirurgião-residente, 28 anos, enfrenta a tempestade de neve até o Centro Médico Mount Sinai, Nova York, onde acabara de encerrar o plantão de 36 horas.

Um menino de 11 anos precisa de apendicectomia – e rápido. Mas antes da operação, Weinstein reserva alguns instantes para conversar com o pálido garoto. O médico sabe o que é ser uma criança no hospital, subitamente sozinha e à mercê de estranhos.

– Você está assustado?

O menino faz que sim com a cabeça.

– Todos ficam, até os adultos. Você dormirá o tempo todo e, quando acordar, sua dor de barriga terá terminado.

É recompensado com um sorriso

fraco. Quando o anestésico começa a agir, o médico trabalha habilmente, extraíndo o apêndice inflamado. Não mais se admira – como ocorria quando começou a residência cirúrgica dois anos antes – de que agora seja o médico, e não o paciente. Está ocupado demais, deleitando-se em momentos como esse, quando fecha a incisão, sabendo que está restabelecendo a saúde do garoto doente.

Doença impiedosa. Quando Brian Keith Weinstein era criança, parecia lutar pela vida a cada inspiração. As fraldas ficavam frouxas, penduradas ao redor de pernas finas como gravetos. Era afligido por sucessivas infecções respiratórias. No outono de 1967, quando já tinha seis meses, Brian pesava apenas 5,4 quilos.



“Fibrose cística”, diagnosticou um especialista, depois que o exame apresentou volumes extraordinariamente altos de sódio e cloreto no suor de Brian. “Faremos o possível”, disse o médico a Sheryl e Michael Weinstein, “mas não esperem que seu filho viva além dos cinco ou seis anos.”

Sheryl começou a chorar. Michael abraçou-a. Seus olhos também se encheram de lágrimas. No entanto, eles ganharam forças um com o outro. Quando voltaram ao apartamento no Brooklyn, enfureceram-se com a mesma decisão: *Não somos obrigados a aceitar isso!*

Sheryl e Michael – policial da cidade de Nova York que via o desespero diariamente, mas nunca perdia o dom

A batalha de Brian começou antes que pudesse entender os riscos que corria

da esperança – começaram a ler tudo o que encontravam sobre fibrose cística. Não havia muito. Na verdade, quase nada que pudesse encorajá-los. Doença congênita desconcertante, a fibrose cística fora identificada apenas algumas décadas antes, e a Medicina ainda tinha muito a aprender sobre ela.

Vítimas da enfermidade, sempre crianças e jovens, sofrem de complexa desordem celular que os impede de digerir os alimentos adequadamente e, ainda mais grave, produz muco anormal, espesso, que dificulta a respiração e provoca infecções bronquiais e pulmonares periódicas.

Em vários casos, exceto por tosse

crônica, a criança com fibrose cística pode parecer saudável durante anos. Entretanto, a literatura avisava que isso seria temporário, pois a doença é impiedosa. Algum dia, a criança cuspiria sangue – sinal de que os pulmões arruinados estavam desistindo. Em seguida, os pulmões entrariam em colapso e o coração pararia, ou ela morreria de pneumonia. Naquela época, 50% das 10 mil crianças que se estimava sofrerem de fibrose cística morriam antes do 15º aniversário.

Sem inibição, os Weinstein passaram a procurar alguém disposto a não dar atenção às estatísticas assustadoras e, assim, ajudá-los a lutar pela vida do filho. Quando Brian tinha menos de 1 ano, encontraram a pessoa certa:

o doutor Jack Gorvoy, que estivera envolvido nos estudos iniciais sobre a doença, e agora dirigia o Centro de Fibrose

Cística em Long Island.

Na primeira visita dos Weinstein, o doutor Gorvoy aliviou alguns de seus temores. “Vocês querem saber quanto tempo Brian poderá viver. Não sei. Mas acredito que daqui a cinco anos a sobrevivência média para crianças com fibrose cística terá dobrado, e é possível que dobre novamente nos cinco anos posteriores. Brian sempre precisará de atenção especial. Se ele puder contar com essa atenção oferecida por vocês e por mim acredito que irão à formatura dele no Segundo Grau.”

Ordem de comando. Assim começou a batalha pela vida de Brian, mui-

to antes que ele pudesse compreender o que estava em jogo.

Duas vezes ao mês, Sheryl ou Michael, com frequência ambos, levavam o filho para Long Island, onde o doutor Gorvoy monitorava a saúde da criança, ajustava a medicação e instruía os pais quanto a técnicas terapêuticas: massagens no peito e nas costas, para deslocar o muco espesso e tenaz que bloqueava pulmões e vias respiratórias. A pneumonia era ameaça constante.

Mas havia boas notícias: terapias recentes e antibióticos especialmente voltados para os sintomas da fibrose cística podiam bloquear ataques. Enzimas suplementares, essenciais para a digestão dos nutrientes nos alimentos, substituiriam aquelas que o corpo de Brian não produzia.

Ritual de memória. Em algumas semanas, a família viu o menino apático e doente tornar-se uma criança forte e vigorosa, que logo estava se levantando e tentando escalar as grades do berço. Quando Brian era um menino de 3 anos, robusto e ousado, nasceu o irmão David, e os Weinstein se mudaram para um subúrbio a 64 quilômetros do Brooklyn. Nem mesmo a mudança social o levou a assumir o papel de criança enferma.

Além disso, Sheryl e Michael não teriam permitido. Eles recebiam as ordens de comando do doutor Gorvoy: “Tratem-no como se fosse uma criança normal em crescimento. Mantenham-no ativo.”

Nos raros dias em que não estava se sentindo bem, Brian recebia o maior

carinho e atenção que os pais podiam dar. Durante o resto do tempo, esperava-se que Brian fizesse a parte dele na escola e em casa. Como o pai e a mãe trabalhavam fora, estava encarregado de iniciar a preparação do jantar. Tornou-se cozinheiro de primeira classe. Jogava basquete e futebol americano com os amigos, embora, por vezes, literalmente perdesse o fôlego e precisasse sair do jogo.

Para Brian e seus pais, cada momento crítico em sua vida se tornava acontecimento especial, e nenhum foi tão ansiosamente esperado como seu *bar mitzvah*. Dois prolongados acessos de enfermidade, quando tinha 11 anos, turvaram as esperanças de Sheryl e Michael. O filho viveria para celebrar a cerimônia em que um garoto judeu assume as responsabilidades e tarefas da vida adulta?

No sábado mais próximo ao seu 13º aniversário, a família de Brian e um grupo de amigos se reuniram na sinagoga. Brian pediu que o doutor Gorvoy estivesse entre os 18 membros da família que acenderiam as velas rituais durante a cerimônia.

Brian não deixou de reconhecer o lugar que o médico ocupava em sua vida: “Sem ele, não acredito que estivéssemos aqui, celebrando este acontecimento”, disse Brian à congregação. “Antes de tudo, preciso agradecer à minha mãe e ao meu pai, por garantirem que eu crescesse. Em seguida, devo agradecer-lhes outra vez, por garantirem que eu crescesse como um garoto normal.”

O verdadeiro problema para todos era colocar um freio em Brian. “Como

assim, você quer participar da equipe de corrida?”, perguntou a mãe, quando ele estava no Segundo Grau. “Onde conseguirá fôlego para correr?” Michael repetiu praticamente a mesma pergunta quando Brian decidiu aprender a tocar saxofone.

Lealdade feroz. A cada vez, porém, o doutor Gorvoy dizia: “Deixem-no tentar. Se ele não puder, descobrirá em breve. E, daqui a alguns anos, terá satisfação de saber que tentou.” Brian sabia que tinha um amigo incondicional. Mas seus pulmões não eram elásticos o suficiente, nem para participar de corridas nem para tocar instrumento de sopro. Brian aceitou esses desapontamentos e simplesmente explorou outros sonhos.

**“Tentar e falhar é aceitável.
Mas não tentar... Isso não é viver.”**

Sempre o aborrecera o fato de ser magro, todo costelas e juntas, um embaraço quando nadava com os colegas. Brian sabia que era conseqüência de sua doença. Mas saber não o deixava disposto a aceitar. Em certo dia de inverno, com o estímulo do doutor Gorvoy, começou um programa moderado de musculação, levantando pesos, de manhã e à noite. Por fim, o magricela de 61 quilos ganhou 14 quilos de massa muscular. Foi a primeira grande realização de Brian, que lhe deu a confiança de que poderia fazer tudo o que quisesse.

Em todas as ocasiões, Brian encontrou firmeza de rocha no doutor Gorvoy. Embora parecesse distanciado, o

médico era ferozmente leal e devotado. Se Brian ficasse doente, ele estaria esperando na sala de primeiros socorros às 2 horas da madrugada, quando os Weinstein chegassem com o filho. E telefonaria todos os dias para verificar se a convalescença prosseguia conforme o previsto.

Quando Brian começou a ponderar sobre questões que estavam além das respostas em seu livro de Biologia, apresentou as dúvidas ao doutor Gorvoy.

O médico ficou impressionado. Após uma conversa, comentou: “É muito perspicaz de sua parte, Brian.” O menino ficou exultante. Em pouco tempo, não tinha dúvidas: estudaria para ser médico do tipo que realmente se preocupa com os pacientes, como o doutor Gorvoy.

Angústia profunda.

Em junho de 1985, os pais de Brian com orgulho compareceram à sua formatura no Segundo Grau, como o médico previra. Naquele período, os Weinstein haviam tomado decisão tipicamente inflexível: Brian iria à faculdade em Albany, Nova York, a mais de 160 quilômetros de casa. Não haveria ninguém para lembrá-lo de tomar o remédio e fazer a terapia física; ninguém que telefonasse para o doutor Gorvoy quando Brian começasse a tossir ou a respirar com dificuldade. Por isso todos haviam lutado: pela independência de Brian.

O rapaz se esforçava ao máximo na faculdade. Não saberia fazer diferente. No entanto, cuidava de si mesmo.

Consultava o doutor Gorvoy com regularidade e reservava tempo para a terapia, pelo menos duas vezes ao dia. Nos dois primeiros anos de faculdade, fez parte da lista de alunos que mais se destacavam.

Em uma tarde, no final do terceiro ano, subitamente sentiu falta de ar e, em seguida, dor aguda no peito. Sabia que estava sofrendo um pneumotórax – inchações nos pulmões enfraquecidos estavam permitindo que o ar vazasse para a cavidade pleural. Algumas vezes, os vazamentos se fecham sozinhos.

Em outros casos, o pulmão entra em colapso. O ar enche o tórax e o coração é empurrado para o lado. É necessário enfrentar o problema rapidamente. Brian conhecia as conseqüências, se não agisse logo: falha respiratória e, em seguida, morte.

Com angústia crescente, correu para o Centro Médico de Albany, onde o cirurgião inseriu uma sonda para liberar o ar e permitir que o pulmão sarasse. Uma semana depois, Brian fez as provas finais num quarto de hospital. Mais uma vez, entrou para a lista dos alunos de destaque.

Após dez dias, Brian, estabilizado o suficiente para ser transferido para o Hospital Judaico de Long Island, submeteu-se a operação para minimizar a possibilidade de um pneumotórax periódico.

Trabalho de uma vida. Embora soubesse que ultrapassara os limites da expectativa de vida de alguém com fibrose cística, Brian estava preparado para devotar o resto de seus dias a

uma das especialidades mais rigorosas da Medicina: a cirurgia. Preocupados com que o esforço adicional pudesse debilitar sua saúde, os pais perguntavam: “Você realmente precisa ser cirurgião?” A cada vez, a resposta de Brian era sim.

Até o doutor Gorvoy perguntava a si mesmo se aquele paciente antigo não estaria desafiando o destino. Brian era inflexível. “Eu amo a cirurgia”, afirmava ardentemente. “Quero fazer dela o trabalho da minha vida como você fez com a fibrose cística. Tentar e falhar é aceitável. Mas não tentar... Isso não é viver.”

Durante anos, enquanto perdia pacientes para a fibrose cística, o doutor Gorvoy desistira de manter distância emocional. No entanto, com alguns, sentia ligação que não poderia ser mais forte do que se fossem os próprios filhos. Brian era um desses.

“Será um ótimo cirurgião”, afirmou o doutor Gorvoy.

Foram necessários 41 minutos para que o reitor anunciasse os nomes dos 209 formandos da Escola de Medicina do Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Estado de Nova York. Por fim, o “Doutor Brian Keith Weinstein” foi chamado.

Ele recebeu o diploma entregue pelo reitor. Depois, virou-se e caminhou até o local onde o doutor Gorvoy aguardava com a faixa de formatura. Brian estendeu a mão para o cumprimento tradicional mas, em vez de estender a sua, o médico e amigo de toda a vida puxou-o para um abraço.

Brian, cujo requerimento fora aceito pelo Centro Médico Mount Sinai,

começou seus cinco anos de residência em julho de 1993. É tudo o que sempre lhe disseram: horários estafantes, ritmo agitado, traumatismos cinco ou seis vezes por dia. Nunca esteve tão feliz.

Há pouco tempo, o doutor Gorvoy teve seu segundo formando de Medicina: a moça que se inspirou no exemplo de Brian. A garota desejava se especializar em ginecologia e obstetria.

cia. Era um campo difícil, debilitante e estressante. Deveria ela? *Poderia ela?*

“Você deve”, disse Brian, sem hesitar. “Se não puder, descobrirá em breve. E, daqui a alguns anos, terá a satisfação de saber que tentou.”

Ele não acrescentou, mas poderia ter dito que aquela satisfação já fizera sua vida valer a pena, não importando quanto ela dure.



O vizinho, a sogra e o cachorro

NOSSE CACHORRO, QUE ATENDE pelo nome de Mr. Hoover, começou inesperadamente a latir todas as noites, por volta das quatro da madrugada. Irritado e com sono, John, meu marido, foi ao quintal ver o que poderia estar perturbando o até então pacífico animal. Durante três noites seguidas, nada encontrou de estranho. Então, na quarta noite, pelas três da madrugada, o bicho começou de novo a latir, acordando toda a vizinhança. John espiou pela janela e descobriu que alguém estava jogando pedrinhas na direção de Mr. Hoover. Correu ao quintal e encontrou o culpado. Abaixado do outro lado do muro estava o nosso pacato vizinho, a última pessoa de quem se poderia esperar semelhante comportamento. Meu marido exigiu uma explicação para aquela estranha atitude.

– Minha sogra está lá em casa passando uns dias – respondeu ele, embaraçadíssimo. – Mas disse que ia embora se não conseguisse dormir outra noite.

Anne Jones, EUA

Você já notou...

QUE AQUILO QUE, em um ônibus, as pessoas chamam de lotação esgotada, em uma boate é ambiente?

Nuggets

QUE QUANDO VOCÊ LAVA roupas justas elas ficam mais justas, mas quando lava as largas elas ficam mais largas?

Ron Dentinger em *Chronicle*, Dodgeville, Wisconsin

QUE NETOS CRESCEM mais rápido do que filhos?

Alex Thien